

RECUPERANDO APOIO

Puxada por mais pobres, aprovação de Lula é a maior do ano e se descola da rejeição

PULSO

LUIS FELIPE AZEVEDO, RAFAELA GAMA, JENNIFER GILARTE E FALICE CRAMÉ

Antes com tendência negativa, a curva do índice de aprovação do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) mudou de direção este mês, puxada principalmente pela melhora do desempenho da atual gestão entre os mais pobres. Uma nova pesquisa Genial/Quaest divulgada ontem revela que a proporção de brasileiros que endossam o trabalho do presidente oscilou positivamente pela primeira vez em 2024 e avançou quatro pontos percentuais para 54%, marca que havia sido registrada na última vez em dezembro. Com o resultado, a fátia que aprova o governo se descolou da que desaprova, grupo que por sua vez, recuou de 47%, em maio, para atuais 43%.

Ainda segundo o levantamento, o percentual de brasileiros que veem o governo do petista como positivo passou de 33% para 36%, frente a maio, enquanto o grupo que considera negativo foi de 33% para 30% no período. As oscilações ocorreram próximo à margem de erro geral da pesquisa, que é de dois pontos percentuais para mais ou menos, mas interrompem o viés desfavorável a Lula que vinha desde outubro do ano passado.

No Palácio do Planalto, a expectativa é que os números da nova pesquisa levem o presidente a redobrar a aposta na estratégia de percorrer o país para anunciar entregas e conceder entrevistas a veículos regionais. Há também um cálculo de risco de que a aprovação poderá oscilar negativamente nos próximos meses caso Lula derrape em falas públicas.

A Quaest ouviu 2 mil entrevistados espalhados por 120 municípios entre 5 a 8 de julho. A variação positiva no quadro geral é explicada, entre outros fatores, pelo avanço da aprovação do governo na parcela da população que ganha até dois salários mínimos, que já é, tradicionalmente, uma base de Lula do PT, e representa quase um terço da amostra da pesquisa.

No grupo com menor renda, o índice subiu sete pontos percentuais, para 69%, enquanto a reprovção recuou nove pontos, para 26%. Para esse estrato da população, a margem de erro é de quatro pontos para mais ou menos.

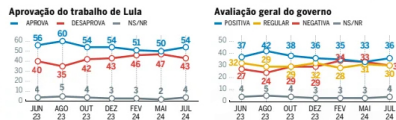
O governo também melhorou sua avaliação entre as mulheres (aprovação foi de 54% para 57%). Segundo o diretor da Quaest, Felipe Nunes, a mudança foi mais evidente na faixa entre 35 e 59 anos. A diferença entre aprovação e desaprovção na população feminina passou a ser de 15 pontos percentuais, enquanto, entre



Estratégia. Lula no Planalto: governo quer manter aposta em viagens pelo país e entrevistas a veículos regionais, mas teme derrapadas em falas do presidente

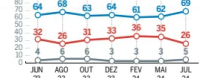
PERCEPÇÃO SOBRE A ATUAL GESTÃO

Pesquisa Genial/Quaest aponta tendência de melhora na imagem do governo Lula (em %)



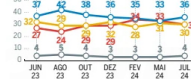
Aprovação do trabalho de Lula

Entre quem tem renda de até 2 salários mínimos



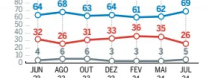
Avaliação geral do governo

Entre as mulheres



Aprovação nos estratos

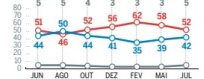
Entre evangélicos



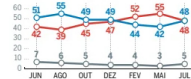
Entre as mulheres



Entre evangélicos

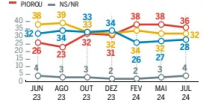


No Sudeste



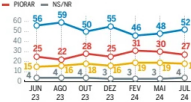
Nos últimos 12 meses, a economia do Brasil...?

Melhorou ou ficou do mesmo jeito



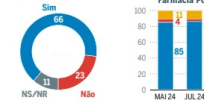
Expectativa em relação à economia nos próximos meses

Melhorar ou ficar do mesmo



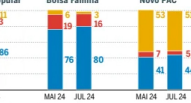
Concorda com as críticas de Lula à política juros do Banco Central?

Sim



Avaliação e conhecimento de programas

Conhece e aprova



A pesquisa ouviu 2.000 entrevistados entre 5 e 8 de julho em 120 municípios. A margem de erro é estimada em pontos percentuais para cada mês, com um nível de confiança de 95%.

os homens, essa distância é de três pontos (50% de aprovação ante 47% de reprovção). —No cenário de polarização nacional, o que o governo tem conseguido até aqui é melhorar seu desempenho dentro do eleitorado que é mais típico dele. Ainda tem dificuldade de dialogar com o eleitorado que não votou ou preferiu outra opção política em 2022 —diz Felipe Nunes à GloboNews. Houve oscilação positiva ainda na região Sudeste do país, a mais populosa e que foi estratégica para Lula no último pleito. O cenário hoje é de empate: a desaprovção cedeu de 55% para 48%, enquanto a aprovação passou

de 42% para também 48%. Entre os evangélicos, segmento mais próximo de Bolsonaro e no qual Lula tenta uma aproximação, a desaprovção recuou seis pontos, na comparação com maio, mas continua predominante. Hoje, 52% rejeitam a atuação do presidente. Em fevereiro, porém, esse índice era de 62%. Lula busca se reaproximar dos evangélicos, que já aderiram ao seu governo em mandatos anteriores, desde o início de sua terceira gestão. Depois de lançar uma campanha publicitária, batizada de "Fé no Brasil", o petista acenou ao enviar uma carta para a Marcha para Jesus de São Paulo, em maio. Em paralelo, o titular da pasta dos Direitos Humanos, Sílvia Almeida, iniciou uma ofensiva para abrir diálogo com igrejas e lideranças. A vereadora de Goiânia Aava Santiago (PSDB) também tem atuado como uma ponte entre o governo e pastores.

PESO NO BOLSO

Apesar dos resultados, há sinalizações negativas para o governo em relação à percepção da população sobre a economia do país. O cenário piorou nos últimos 12 meses, por exemplo, para 36% dos entrevistados e continuou do mesmo jeito para 32%. Chegam a 63% os que relatam que o poder de compra no país diminuiu, mesmo com a desaquecimento da inflação.

Além disso, para sete em cada dez brasileiros, houve alta nos preços dos alimentos no último mês. Embora a taxa de desemprego tenha atingido em maio o menor nível para o período desde 2014, conseguir um trabalho está mais difícil hoje do que há um ano para 52%. O mesmo contingente da população (52%), no entanto, tem a expectativa de melhora da economia nos próximos 12 meses, contra 27% que esperam piora.

Para José Medeiros, cientista político e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o foco de Lula na agenda interna, com entrevistas a emissoras de rá-

dio e presença em inaugurações, sobretudo no Sudeste, reforçou a comunicação com a população de baixa renda.

—A queda na popularidade no ano passado ocorreu após uma cirurgia do presidente, quando ele precisou parar de falar e, posteriormente, se dedicou a agendas internacionais. Por meio das entrevistas recentes, o presidente conseguiu se comunicar bem com o eleitorado mais pobre que, mesmo com a visão de que a situação econômica atual não é boa, pode ter avaliado a gestão de forma mais positiva.

PALAVRA PRESIDENCIAL

A pesquisa Genial/Quaest mostra que a ampla maioria dos brasileiros concorda com opiniões recentes de Lula. Para 90% dos ouvidos, por exemplo, o salário deve ser aumentado todo ano acima da inflação. A maioria acredita que os juros no Brasil são muito altos (87%), que carnes consumidas pelos mais pobres deverão ter isenção de imposto (84%) e que o governo não deve satisfazer o mercado, mas aos mais pobres (67%).

As críticas do presidente à política de juros do Banco Central são outro ponto de convergência. Embora apenas 34% tenham ficado sabendo da reação de Lula ao presidente do BC, Roberto Campos Neto, 66% responderam concordar com as declarações publicitárias, batizada de "Fé no Brasil", o petista acenou ao enviar uma carta para a Marcha para Jesus de São Paulo, em maio. Em paralelo, o titular da pasta dos Direitos Humanos, Sílvia Almeida, iniciou uma ofensiva para abrir diálogo com igrejas e lideranças. A vereadora de Goiânia Aava Santiago (PSDB) também tem atuado como uma ponte entre o governo e pastores.

Apesar dos indicadores, auxiliares do presidente avaliam que a aprovação de Lula é sensível às suas declarações. O presidente alcançou 46% de reprovção em fevereiro, segundo a Genial/Quaest, após comparar a guerra entre Israel e Hamas com o Holoocausto. O Planalto acredita que parte da melhora na avaliação se deve aos resultados de ações do governo que começam a fazer efeito. Há uma percepção de que políticas anunciadas em 2023 e no início de 2024, como a volta de programas, passaram por uma fase de maturação e começam a dar resultados em camadas da população.

A análise é compartilhada pela cientista política e professora da FGV Direito Rio Isabel Veloso, que vê impactos das ações sociais: —Programas sociais, aumentos salariais e políticas voltadas para os mais vulneráveis podem ter um efeito compensatório sobre a percepção negativa da economia.

A pesquisa constatou alto índice de conhecimento e aprovação de vitrines da atual gestão, mas também desafios. De um lado, foram bem avaliados o Farmácia Popular (conhecido e aprovado por 86%), e Bolsa Família (80%). Do outro, o Novo PAC, voltado para alavancar obras, ainda é desconhecido por 51%.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Política Pagina: 4